SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIII

30 DE NOVEMBRO DE 1977

N.º 388

Avulso Esc. 7$50

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778 — Teleg. YMCAPORT

MEDITANDO SOBRE O MUNDO DOS VALORES

pelo Dr. DAVID FREIRE

Para o escoteiro consciente, a *solidariedade* surge como base da sua organização, como impulso básico que motiva o seu modo de actuar. A solidariedade é a essência do comportamento de quem se pretende discípulo de Baden-Powell. Um *valor*.

Mas onde fomos nós, homens, buscar *isso* a que chamamos valor?

Eis uma interrogação que não pode deixar de separar os componentes da sociedade humana.

Para alguns, como sabemos, a dimensão antropológica, o ser-se homem, é resposta reflexa condicionada, mera carga eléctrica de expoente x, que anima a estrutura desse labirinto de conexões a que damos o nome de sistema nervoso. O homem consiste em energia material, afirma-se como realidade electrónica diferenciada face a outras realidades electrónicas menores das quais a grande marcha evolutiva o afastou.

Somos um certo grau de coisa... mas coisa. Salta-se por intermédio do ácido (ADN) do inorgânico para o orgânico; mas, morta ou viva, a matéria é sempre matéria.

Quem assume conscientemente esta *verdade* — o materialismo é o sistema dogmátimo mais fechado que existe — sugere duas interpretações em relação ao mundo dos valores:

a) não sendo o valor carga eléctrica propriamente dita, não sendo coisa mas emergindo da coisa material (evidentemente), deveremos classificá-lo de realidade (?) imaginativa. Sartre, por exemplo, afirma que o homem *inventa* a sua moral (o universo dos valores éticos) ou o seu Belo (o universo dos valores estéticos). Quanto ao grande valor que falta considerar — o divino ou o sagrado — as perspectivas humanísticas-materialistas rigorosas eliminam-no coerentemente.

b) Os chamados valores são coisa irrelevante ou morta, uma vez que a história é objecto estrutural puro; *a história é objecto sem sujeito*. Declara-o Althusser profundíssimo — e difícil — filósofo marxista do nosso tempo.

Tenhamos desde já, corajosamente, a noção do existir, do terrível e ameaçador «status quo» intelectual político e prático em que vivemos no século vinte.

Processa- se, implacável, dia a dia, um cerco àqueles que fazem — ainda — a apologia da transcendência.

Como reagir aos ataques — regra geral razoavelmente bem fundamentados — que dimanam deste dilúvio de materialidade conceptual que afoga o homem contemporâneo?

Quem acredita em realidades supramateriais, melhor, quem se sabe *anti* ou *supra*-máquina, tem de responder ao desafio.

Consideremos três respostas possíveis:

Primeira resposta:

O homem íntegro herdeiro da mensagem cristã e ocidental deve, no

Continua na pág. 6

A DIRECÇÃO REGIONAL ORGANIZA A CONFERÊNCIA DE DIRIGENTES DO NORTE

Quando esta edição de Sempre Pronto *tiver saído, já se terá realizado na cidade do Porto a Conferência de Dirigentes do Norte, que funcionou no edifício do antigo Seminário do Paraíso, naquela cidade, no dia 1 de Dezembro deste ano.*

A Agenda da Conferência, que previa um período para serem tratados outros assuntos, constava das seguintes rubricas:

1. *Análise da situação associativa decorrente de alteração dos Regulamentos efectuada pela Direcção Nacional;*
2. *Posição dos Grupos desta Região em face dos desvios dos princípios mundialmente aceites, designadamente da Promessa e da Lei;*
3. *Meios a utilizar para o encaminhamento da vida associativa.*

Esperamos no próximo número fornecer aos nossos leitores os ecos desta importante reunião, que, é de crer, venha a ocasionar profundas repercussões na Associação dos Escoteiros de Portugal.

OS ESCOTEIROS NÃO ESTIVERAM AUSENTES DA TRAGÉDIA DO AEROPORTO DO FUNCHAL

(Vide página 5)

ANTIGOS ESCOTEIROS 1950

A expansão da nossa Fraternal

A nova direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal tomou posse, como noticiámos, em 13 de Outubro findo, não sem se aperceber das dificuldades que a esperam.

Uma delas refere-se à pequena quantidade de Antigos que estão inscritos como sócios.

Somos realmente muito poucos, relativamente aos muitos milhares que têm passado pelas fileiras dos grupos de escoteiros, desde há quase 65 anos.

Será defeito dos portugueses? Será defeito das anteriores direcções?

Talvez não. Pelo menos, em absoluto não poderá localizar-se aí o mal. E dizemos isto porque é o próprio presidente da Fraternal Mundial, Philip Tossijn, que, na passada assembleia geral, realizada em Aalborg, na Dinamarca, referia que as discussões que dominaram essa assembleia seriam:

1) *A necessidade de expandir a Fraternal, não só nos países em que ela não existe, mas muito especialmente dentro dos países membros, porque alguns deles têm quantidades ridículas de membros, considerando a multidão de escoteiros e guias que existiram nesses países. Tem-se gasto muito tempo a analisar as causas disso, mas estamos agora actuando no sentido de ajudar as associações nacionais.*

É preciso que cada membro obtenha a participação activa de um novo membro. *Assim queremos uns milhares mais no próximo ano.*

2) *A situação financeira da Fraternal também não é brilhante. As contribuições cresceram 20 %, mas necessitávamos de que tivessem crescido 100 %. Não podemos contentar-nos em sobreviver, mas temos de levar por diante projectos ambiciosos que a nossa direcção tem programado.*

Para isso, temos de duplicar as nossas subscrições, não só em número de contribuintes, como também em valor da quotização individual. Por outro lado, temos de esperar que cada um de vós nos envieis os cheques com montantes de acordo com as vossas possibilidades de vida. Devereis fazer o máximo esforço dentro das vossas possibilidades.

Ao lermos estas linhas no *Boletim da Fraternal (internacional)*, estávamos a sentir como essas palavras se aplicavam à nossa Fraternal. Essas palavras faziam lembrar, até, as que o presidente da actual direcção dirigiu, quando da tomada de posse.

Aqui fica, por isso, mais este apelo. Se cada um dos Antigos responder à chamada, poderemos ter no próximo ano uma Fraternal com mais possibilidades.

Por isso, mãos à obra!

Que cada um dos leitores procure indicar o nome e a morada de um novo membro da Fraternal, para a sede: Rua de S. Paulo, 254-1.º, Lisboa-2.

ADMINISTRAÇÃO

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Muitos amigos continuam a evidenciar o seu interesse pelo «Sempre Pronto», remetendo-nos o valor de suas assinaturas. Trata-se de uma colaboração importante, porque a cobrança postal é agora tão dispendiosa que é quase proibitiva. Temos em carteira diversos recibos de assinaturas da Província, e não sabemos como proceder para efectuar a cobrança. Teremos de, no próximo mês, efectuar a cobrança postal, sabendo desde já que perdemos um terço do valor da assinatura, quer o recibo seja ou não cobrado.

Entretanto, recebemos os seguintes valores remetidos pelos seguintes senhores:

Fernando N. da Rocha	75$00
Rev. Eduardo Moreira	100$00
José Luís Pinto Machado	100$00
Eng.º Raul Moreira Pedrosa	200$00
Leonel da Silva Ramalho	75$00
João Henrique Pereira Soares	70$00
Fernando Figueiredo	150$00
Israel Pereira Pendigão	60$00

A todos estes nossos Amigos, apresentamos agradecimentos muito sinceros.

A homenagem ao chefe José Rodrigues

Corrigenda

Na notícia que, sem intuitos de esgotar o assunto, publicámos no nosso número de 31 de Agosto p. p., encontraram certos amigos algumas omissões que desejavam ver colmatadas, a que acedemos da melhor vontade.

A primeira é que, na homenagem junto do monumento da rainha D. Leonor, esteve presente o presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Outras referências é a de que foram lidas e entregues ao homenageado mensagens da direcção da AEP e dos Antigos Escoteiros do Brasil.

Não referimos também que o Dr. Ernesto Moreira, que esteve presente na cerimónia e nela tomou parte activa, é um dos antigos e valorosos escoteiros do Grupo 1, o que os nossos estimados leitores bem sabem, por a isso nos termos referido por diversas vezes.

Por último, a de que da comissão organizadora desta actividade fez parte o nosso companheiro António Pinto, juntamente com Amílcar Fernandes e Joel Ribeiro (a que também não se fez referência), com a preciosa colaboração de Ernesto Clímaco do Nascimento.



O Grupo N.º 1 vai reiniciar a actividade

A Direcção da ACM de Lisboa, no desejo de dar continuidade ao Grupo n.º 1, acaba de promover condições para que esta unidade escoteira — que introduziu o Movimento em Portugal e foi dos mais brilhantes agrupamentos — possa funcionar com o seu inteiro apoio.

Para isso, estão abertas as inscrições de aspirantes dos 10 aos 15 anos de idade, na Secretaria associativa, Rua de S. Bento, 329, em Lisboa.

«Sempre Pronto» formula votos para que o «Um» possa reencetar com inteiro êxito as suas actividades.

Imprensa Escoteira

«MAIS ALÉM»

O Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal, com sede em Angra do Heroísmo, fazendo prova da sua vitalidade, está a publicar o boletim mensal «Mais Além». Recebemos já os números 1 e 2, respeitantes a Agosto e Setembro, que inserem colaboração escoteira de interesse, além de noticiário do Grupo e das patrulhas. «Sempre Pronto» deseja longa vida ao seu colega, trazendo-nos regularmente novidades do «52».

A água, meio de vida essencial (5)

Uma ameaça inquietante: a poluição das águas

(Continuação)

A poluição dos oceanos

Mas uma ameaça, não menos perigosa para a humanidade, está lentamente emergindo das profundezas abissais dos grandes mares e oceanos.

A imensidão do enorme reservatório que é constituído pelos oceanos fez crer ao homem que ali seria suportável todo e qualquer atentado contra a sua integridade.

Durante séculos tudo parecia confirmar essa suposição. Os mares mostravam-se óptimos purificadores das imundícies que o homem lhes lançava. As águas mostravam-se realmente incorruptas; coisa alguma as fazia alterar.

Todavia, há aproximadamente meio século, a frequência desses atentados precipitou-se e intensificou-se, subindo muito além dos limites toleráveis e admissíveis. Os grandes oceanos foram transformados em gigantescos vazadouros, para onde estão sendo arremessados detritos em tais quantidades que acabam por exceder, em muito, a capacidade de serem biologicamente trabalhadas no grande laboratório marinho. Começou, assim a desenhar-se, em inquietantes proporções, a poluição dos mares.

A vida dos seres marinhos começa então a ser afectada. Mas só se deu conta verdadeiramente dos graves inconvenientes ocasionados por esta forma de proceder, quando as maléficas consequências começaram a reflectir-se nas actividades de natureza económica, nomeadamente na pesca e no turismo.

O problema principiou então a ser encarado pelas autoridades, embora timidamente, visto que outros interesses económicos estavam também em jogo. Os cientistas também passaram a dedicar-lhe mais atenção e não tardaram em definir as danosas consequências, de proporções catastróficas para a humanidade, caso não seja posto cobro atempadamente ao processo de deterioração das águas. Todos eles reconhecem que, não só a vida aquática, mas a qualidade de vida em geral corre sérios perigos. O nó górdio da questão está em convencer as populações e os responsáveis dessa incómoda realidade.

O tráfego dos petroleiros é um dos grandes perigos

Já não bastava as enormes quantidades de águas poluídas pelos esgotos das grandes cidades e dos gigantescos complexos industriais, bem como dos pesticidas, cada vez usados em maiores quantidades na agricultura, para alterar a qualidade das águas das zonas costeiras. A verdadeira origem do complexo problema da poluição das águas surgiria em resultado da grande explosão industrial, que se desencadeou em especial na segunda metade deste século, a qual impôs a necessidade de se recorrer, em ritmo cada vez mais acelerado, às fontes de energia, entre as quais o petróleo ocupa lugar proeminente. Os navios petroleiros passaram a cruzar os mares cada vez com maior frequência. Foi este um largo passo no caminho da poluição dos mares, pois tornou-se prática corrente, apesar da evidência dos inconvenientes que ela traz, a limpeza de resíduos petrolíferos que permanecem nos depósitos dos navios-tanques depois de serem descarregados.

Esta ameaça tornou-se ainda mais manifesta quando, após a chamada Guerra dos Seis Dias, em 1967, o canal do Suez ficou fechado à navegação. Teve início, logo a seguir, a construção de navios-tanques gigantes, com os quais se ia contrabalançar a subida das despesas de transporte do petróleo, visto que os navios provenientes dos jazigos petrolíferos da Ásia Menor eram obrigados a seguir a rota do Cabo da Boa Esperança.

De imediato, se ergueram vozes que alertavam contra o perigo que esses colossais navios representavam, para os quais as tripulações deveriam ser cuidadosamente seleccionadas e preparadas, visto que as manobras de navegação nesses gigantes dos mares se tornam extremamente difíceis e morosas. Um petroleiro dalgumas centenas de milhares de toneladas pode exigir mais de um quarto de hora para que a sua marcha seja detida!

Naufrágios de petroleiros de medianas dimensões mostraram logo os inconvenientes resultados da *onda negra*, formada pelo derramamento de petróleo na superfície das águas, que formou manchas de óleo com quilómetros e quilómetros de extensão, verdadeira calamidade para a fauna marítima. Esses naufrágios não constituíam senão pequenos avisos doutros perigos maiores. E a tão receada ameaça acabaria por se concretizar em 18 de Março de 1967, quando o superpetroleiro *Torrey-Canyon* embateu num recife da costa da Cornualha.

95 000 toneladas de ramas de petróleo espalharam-se pelas águas do Canal da Mancha. Era um completo desastre! Tanto a costa do sul da Inglaterra, como a costa francesa da Bretanha acabaram por ser atingidas por enormes quantidades de hidrocarbonetos. Um verdadeiro cataclismo desabara naquela região. Milhares de aves marinhas encontraram morte cruel na superfície oleosa das águas. Os peixes e os crustácios também não escaparam ao ataque fatal das águas envenenadas. Os pescadores sentiram os perniciosos efeitos da catástrofe, pois as capturas sofreram reduções abruptas.

A luta contra a *maré negra* foi logo iniciada, mas as enormes quantidades de detergentes utilizados para neutralizar a gigantesca mancha de petróleo não se mostraram mais benignos para a fauna, além de não terem diminuído substancialmente a acção nefasta dos óleos derramados.

Os manifestos prejuízos que resultam do lançamento de petróleo ou dos seus resíduos para os mares impõem a consciencialização dos responsáveis para a adopção de medidas que evitem ou façam diminuir a prática desses actos lesivos ou a ocorrência de desastres. Todavia as medidas já promulgadas não se têm revelado eficientes, primeiro, porque da sua aplicação advêm efeitos anti-económicos que os interesses das poderosas entidades ligadas à exploração do petróleo têm relutância em aceitar; segundo, por os meios de vigilância contra as transgressões serem extremamente precários.

Os jazigos submarinos de petróleo

Cada vez aumenta mais a exploração de petróleo em jazigos que se situam nas plataformas continentais. As perfurações dos fundos marinhos e a exploração das jazidas encontradas, se é certo que estão sujeitas à observância de determinados preceitos que se destinam a prevenir as perdas de tão precioso líquido, encontram-se, não obstante, expostas a inevitáveis percalços, os quais levam à poluição dos mares. Não é esta uma das menores ameaças que impendem sobre os espaços marinhos, visto que a crescente procura de combustíveis obriga a que se tente encontrar novos jazigos, procura que se faz actualmente em especial nos mares, visto ser este o meio até agora menos explorado com essa finalidade.

Alguns acidentes já se assinalaram nas zonas dos trabalhos de pesquisa e de extracção e é de crer que, apesar da alta tecnologia empregada, novos flagelos venham a atingir a fauna e também a flora marítimas.

Um dos casos mais graves ocorridos foi o da plataforma *Ekofisk Bravo*, no Mar do Norte, em que um erro de colocação de uma válvula deu origem a tremenda perda de hidrocarbonetos, da ordem de três e quatro mil toneladas diárias e que se estendeu por uma área que, numa altura em que ainda não fora estancada, já alcançava as quinhentas mil milhas quadradas.

Continua na pág. 7

Liberdade, liberdade!

Uma palavra...

Frederico o «Grande», imperador afrancesado da Alemanha, em polémica suscitada com o capelão luterano da corte, provocou-o assim: «diga-me numa palavra cmo prova a autenticidade das Escrituras»; ao que o capelão retorquiu à letra, laconicamente: «os judeus». De facto, já então, passados mais de dois séculos sobre esse diálogo, tal nome é garante do que se revelou desde há milénios. Em evidência crua (e cruel), mortos aos milhões por quererem o geral *direito de viver;* encurralados aos milhares nos «ghetos» italianos, nas judiarias portuguesas, ou escapos aos «quemaderos» de Sevilha, assim como às «científicas» câmaras de gás alemãs, por se lhes negar o *direito de conviver,* obtêm por fim uma nesga do solo que há séculos fora seu e outros igualmente reclamam. Pelo trabalho social, constituem um Estado nesse berço da sua saudade secular e aí conjugam os verbos do direito de ter-para-ser, num quase milagre onde tudo era sáfaro.

Uma palavra... ter, agir, ser *livre.*

De igual modo uma palavra prova a necessidade e a oportunidade, na impossibilidade da perfeição, daquilo que é para nós a ânsia, a busca, o incentivo a pensada opção, o prémio ao motor da vida pessoal e colectiva a que chamamos liberdade.

O nosso povo ingenuamente cantava, já muito antes do folclore comercializado: «liberdade, liberdade, quem a tem chama-lhe sua...» Chama sua à que cada um obtém e a vai negando a outrem. Que o diga esse «meio século e tanto», na nossa pobre e querida terra, semeada de egoísmo com colheitas de violência. «Cada cabeça, cada sentença»? E quantas vezes as sentenças têm feito cair cabeças! «Liberdade, liberdade, quantos crimes se têm praticado em teu nome»! Estas palavras foram as últimas duma mulher encantadora, Madame Roland, antes que a sua formosa cabeça, de republicana humana e culta, caísse no cesto do cadafalso. Contudo, os seus girondinos como os montanheses, que os caçavam e decapitavam, aspiravam à liberdade...

A liberdade existe? E a igualdade e a fraternidade? Sim, mas relativas na sua vivência humana e epocal. Simplesmente entendo que não estão certas na sequência que a Revolução Francesa lhes deu, pois só sabendo que somos irmãos poderemos em fraternidade construir igualdade para além das deficiências que todos suportamos *em desigualdade.* Então obteremos uma noção mais justa do que seja liberdade.

Ao presbítero Diogo Cassels *ouvi eu,* em Vila Nova de Gaia, dizer ao seu público: «agora sou livre; dei o que tinha e vivo da legítima das minhas filhas». Construíra um bairro para gente carecida, fundara escolas que mantivera com o que possuía, e aí ensinava, ele próprio, pedindo franciscana para a sua manutenção. Um monumento atesta a gratidão dos seus muitos alunos do Torne. Creio que lá estará, não sei se conspurcado por uma falsa liberdade que propriamente se deve chamar, onde se tem exercido, desregramento e vandalismo.

Livres? Mas tudo quanto é humano é condicionado e relativo. Nascemos desde sempre fisicamente cativos das leis da gravidade terrestre e, nesta, da gravitação universal, e da temperatura equilibrada recebida do sol; vivemos nestes tempos sob a ameaça da destruição recíproca das superpotências, com populações orgulhosas ou suspeitosas, em constante aperfeiçoamento dos meios de matar ou evitar o morticínio. Há insegurança diária nos lares, nas vias de comunicação, na poluição das águas e atmosfera, inevitável em boa parte; nos fenómenos que não se anunciam previamente. A nossa liberdade de movimentos sobrevive hora a hora entre um possível ciclone, uma possível inundação, um possível terramoto, assim como uma guerrilha, uma invasão, seja imperialista ou contra-imperialista, tanto monta nos efeitos de ocasião.

E não falo já das seduções, dos traumas, da atracção que a proibição exerce, etc.

Secretário, na juventude, dum dos maiores juristas do seu tempo, académico de número, que diziam ser o «irmão Hoche», meu amigo pelo convívio numa curiosa sindicância, ouvi-lhe afirmar que «não há a Liberdade, mas liberdades». Penso que não acreditava na eficiência duma futura era de liberdade total, mas só num plural crescimento de liberdades conquistadas ou conservadas à custa de «sangue, suor e lágrimas», conforme a posterior *receita* dada ao seu povo por Winston Churchill, com eficiência... provisória. O certo é que a liberdade, por ora uma abstracção que se concretiza em aquisições sucessivas, retardadas pelos senhores parasitas e oportunistas, é mantimento que exige os componentes indispensáveis de Verdade e Amor. Jesus disse: «conhecereis a verdade e ela vos libertará». Vencido o egoísmo que nos escraviza, o amor integral nos vence e nos torna vencedores.

... e desconfiados dos que nos roubam e nos mentem.

Encerrarei estas considerações com uma cita do difícil livro, difícil mas utilíssimo, do Apocalipse. Quase no fim, aí se diz: «Que o pecante peque ainda, que o homem sujo suje-se ainda, que o homem de bem viva ainda no bem». Pareceria uma livre permissão do mal a par do bem, se não se dissesse a seguir: «trarei comigo o salário que farei pagar a cada um». A História nos fala do salário já pago pela Hélade e Roma, se não remontarmos a Nínive.

Triste salário nos espera se não soubermos ser livres!

Eduardo Moreira

Os escoteiros não estiveram ausentes da tragédia do Aeroporto do Funchal

A tragédia do avião dos TAP, que se despenhou, no dia 19 de Novembro findo, no aeroporto do Funchal, enlutou o País e, em especial, a Madeira.

Como sempre sucede, é na altura em que ocorrem graves acontecimentos como este que os homens dão a exacta medida do que realmente valem e do são capazes de fazer. Foi por isso que, enquanto houve quem, em momentos tão dramáticos, se desse ao encargo de lançar mão dos haveres dos passageiros sinistrados, outros tiveram, nessa triste emergência, o ensejo de nos darem consoladoras lições de coragem, abnegação e civismo. Era a oportunidade de servir que surgia e eles ali estavam presentes.

Uma vez escoteiro...

Entre estes últimos, contava-se um jovem de 17 anos de idade. Chama-se ele José Manuel Torres de Freitas, nome que é preciso reter, porque se trata de um grande homem, um homem de bem, um homem corajoso e fiel cumpridor dos seus deveres.

Pois o José Manuel, tal como nos conta o *Diário Popular*, era um dos infelizes passageiros da aeronave nessa fatídica viagem. Rapaz simples, de profissão humilde, pois é cafeteiro num dos hotéis da cidade, provou estar de posse das mais nobres virtudes. Honra lhe seja!

Em companhia da mãe, o José Manuel tivera de vir a Lisboa para ser observado por um médico. Foi o seu baptismo do ar. No regresso à Madeira, o José Manuel, além de sua mãe, levava ainda consigo um pequenito, o Daniel Xavier Duque, que os pais deste lhe tinham confiado. Como no avião não houvesse lugares disponíveis, o Daniel fez toda a viagem ao colo do José Manuel.

Foi na Clínica de Santa Cruz, no Funchal, que o jornalista do *Diário Popular* o foi descobrir, depois de o acidente se ter dado, convalescente dos padecimentos que o afligiam.

O José Manuel conta como foi:

— Vinha no avião. Estava tudo a correr bem. Eu estava sentado num lugar por cima da asa esquerda. Como as luzes encandeassem o Daniel, fechei a janelinha. Quando o avião começou a aterrar, ouvi as pessoas a dizerem que já estávamos no Funchal. Levantei de novo a janela para ver o exterior. Vi assim que o avião passou para além do lugar onde normalmente estão os carros dos bombeiros, continuando, depois, sempre com a mesma velocidade. Não senti qualquer travagem. Depois, as pessoas da frente começaram a gritar quando o avião saiu da pista e começou a cair... Fiquei aflito, mas continuei sempre a agarrar o Daniel pela cintura.

Consumou-se depois a tragédia. O José Manuel viu-se projectado para as águas do mar e só aí é que largou o seu protesido, ao bater com os pés no fundo do mar. Conseguiu agarrar de novo a criança e, ao voltar ao de cima da água, é que pôde livrar-se do cinto de segurança e da cadeira. Mas, com a violência do choque, o Daniel tinha-se separado dele! José Manuel, entontecido e aflito, nadou para terra. Diz ele que tem a impressão de que foi a primeira pessoa a atingir piso seco. Um homem quis, nessa altura, ajudá-lo. Porém, José Manuel, lembrando-se então do Daniel, voltou ao mar à sua procura. E conseguiu encontrá-lo!

Mas o Daniel estava inanimado. José Manuel não perde tempo: leva-o para terra e aplica-lhe a respiração boca-a-boca. E ao fim de mais de meia hora os seus esforços foram recompensados: o Daniel revivia e voltava a respirar normalmente!

Deixando a criança aos cuidados de um homem que ali se encontrava, José Manuel voltou ao mar. Ia tentar encontrar sua mãe, cujo paradeiro desconhecia. Mas o nosso herói não teve o prémio que efectivamente merecia. Foi em vão o seu esforço. Sua mãe desaparecera. Era mais uma das vítimas desse flagelo.

...sempre escoteiro

Tal espírito de iniciativa e noção do dever são dignos de admiração e revelam um homem de acção. Afinal, quem seria esse rapaz?

Faltava a última revelação, revelação essa que nos enche de alegria e até de orgulho. José Manuel confessa:

— Sabe? Fui escoteiro. E ao facto de lá ter aprendido a fazer a respiração boca-a-boca se deve ter sido possível salvar o Daniel.

José Manuel fora escoteiro. Melhor: é escoteiro. Ele o provou com o espírito de decisão demonstrado e com o afã de bem-fazer.

Bem haja o José Manuel, bem haja quem, com tão nobre atitude, honrou o nome de escoteiro! Bem haja quem soube moldar-lhe o carácter e a prepará-lo para estar sempre pronto a servir o semelhante!

Há escoteiros na Madeira, é um dos vários pensamentos que esta ocorrência, a um tempo tão triste e feliz, faz vir à nossa mente.

Dizer bem para pensar melhor

SOUBE, PUDE, PÔDE, PODEMOS E PUDEMOS

A parecença que existe, por vezes, entre certas palavras pode transformar-se em verdadeiras armadilhas, ao originar equívocos grosseiros, na pronúncia ou na grafia, contra os quais é necessário precaver-nos, a fim de não se fazer triste figura.

Acontece isso com algumas formas dos vermos *poder* e *saber*.

Senão, vejamos:

Diz-se *eu pude* (ou apenas *pude*, visto que, na língua portuguesa, é recomendável, em quase todas as flexões verbais, a omissão do pronome pessoal sujeito). Por outro lado, deve-se proferir *eu soube*.

Ora, a longínqua semelhança entre estas formas verbais é suficiente para se prestar a quiproquós, que levam muita gente a dizer — erradamente, como é óbvio — *eu pôde* e *eu sube*. Na linguagem escrita há até quem grafe *eu poude*, o que são duas asneiras num pé só, visto que o *u* não está presente no radical do verbo *poder* (*POD-*). Por isso, devemos dispensar o *POUD-* de aparecer onde quer que seja nas flexões deste verso.

A conjugação dos dois verbos auxiliar-nos-á a precaver-nos contra estes enganos: *eu pUde, tu pUdeste... Eu sOUbe, tu sOUbeste...*

Contudo, o verbo *poder* tem ainda outra armadilha, muito perigosa, nas suas formas *podemos* e *pudemos*. Há muito quem, ao escrevê-las, troque uma pela outra. Não há, contudo, motivos para engano: *podemos* [*dê*] é uma das flexões do presente do indicativo («logo à tarde não *podemos* estar presentes»), enquanto *pudemos* [*dé*] é do pretérito perfeito («ontem não *pudemos* telefonar»).

Em resumo: deve dizer-se *eu soube, eu pude, ele pôde, nós podemos* (hoje), *nós pudemos* (ontem), dispensando-se, claro, o emprego dos pronomes sujeitos *eu, ele* e *nós*, que aqui se utilizam somente para se conseguir maior clareza.

Se até aqui não pudemos talvez evitar estes pontapés na gramática, doravante devemos e podemos tomar precauções para os não tornar a dar.

José Dinis Camacho

Este nosso dedicado assinante patrocinador, que durante muitos anos esteve radicado em Luanda e Moçâmedes, depois de ter permanecido alguns meses em Lisboa, regressou à Madeira (Funchal), sua terra natal.

Trechos de discursos pronunciados na XXVI Conferência Mundial do Escotismo, em Montreal

Foram excelentes e numerosas as alocuções pronunciadas durante a 26.ª Conferência Mundial do Escotismo, que se realizou, como *Sempre Pronto* noticiou, em Montreal, no Canadá, de 18 a 23 de Julho do ano corrente. A Secretaria Mundial dos Escoteiros vai publicá-las num relatório final da Conferência, porém, entretanto, publicamos algumas citações que poderão interessar e ser úteis:

No futuro, alargaremos as nossas actividades no sentido de uma educação informal e extra-escolar, um sector onde sempre temos sobressaído. Em muitos países as possibilidades de conseguir uma educação formal são limitadas pelas circunstâncias, pela economia e pelos costumes. O escotismo pode e deve procurar o meio de ensinar, através de um processo informal e de ensinar fazendo, coisas práticas que tornem a vida melhor, mais sã e mais fácil... Os jovens, e os adultos também, quer hoje, quer amanhã, desejam estar entre aqueles que hão-de construir um mundo melhor. E que melhores meios poderão encontrar que esta possibilidade imensa, ilimitada de poder servir o próximo através dos «serviços comunitários»?

Irving J. Feist, presidente do Conselho Mundial do Escotismo (1975-1977).

A vossa organização quase constitui o protótipo do género de associação que, espero-o, contribuirá cada vez mais para estabelecer os fundamentos da sociedade. Este movimento favorece a iniciativa individual e a emancipação; ensina a autodisciplina; ensina como a ajudar-se a si próprio e, o que é mais, ensina que a melhor maneira de se ajudar é ir em auxílio dos outros. Ensina estas lições aos nossos jovens, numa idade em que é o melhor momento de as aprender. O movimento tem, como o pudemos testemunhar nesta assembleia, uma dimensão internacional, pelo que poderá ajudar a vencer os obstáculos de um nacionalismo estreito que nos ameaça constantemente. Ele nos ensina que todos deveriam ter uma oportunidade igual de participar na sociedade e no vasto mundo que os rodeia.

Marc Lalonde, ministro da Saúde e do Bem-Estar Social, do Canadá.

O impulso indispensável à transformação e ao abandono desta inclinação para a hipertrofia económica não virá nem de governantes, nem do mundo de negócios das associações de beneficência. Um grande número delas estão unidas à volta de problemas específicos — ambiente, defesa dos consumidores, direitos dos trabalhadores, conservação da natureza, etc. Outras, — e aqui os escoteiros já desempenham um importante papel — estão-se entregando à enorme tarefa de criar uma nova ordem mundial. As associações de beneficência sentem-se por vezes bastante desarmadas em comparação com os recursos das firmas comerciais e com o poder dos governantes. Mas é verdade, no entanto, as mais profundas modificações sociais têm sido impulsionadas por membros de associações de beneficência. Esta instituição de educação global e única chamada escotismo pode ser, de facto, particularmente indicada para nos ajudar a todos a responder ao desafio das próximas décadas.

Prof. Willis W. Harman, do Instituto de Pesquisas de Standford, Califórnia, EUA.

Como o escotismo é um movimento de serviço que não busca nem o poder nem a riqueza, mas oferece serviço, com certeza que merecemos a confiança dos futuros responsáveis das nossas respectivas nações e do mundo. Ninguém nos pode censurar de termos interesse pessoal ou ambições reservadas. A nossa constituição é motivada pelos princípios mais elevados e, além disso, pela competência e por um senso de justiça e pela solidariedade. Estamos convencidos de que as novas gerações, mais instruídas, poderiam, com a sua nova percepção de um humanismo mais profundo e duma responsabilidade global mais vasta, mudar o futuro aparentemente apocalíptico da humanidade. Se nos entregarmos a uma solidariedade internacional melhor e mais significativa, podemos ser bem sucedidos... Numa palavra, possuímos um imenso potencial e podemos tornar-nos um parceiro poderoso de todos os que trabalham para o bem da humanidade. Por todas estas razões, prevemos um futuro brilhante para o escotismo, durante as duas próximas décadas e para lá delas.

Laszlo Nagy, secretário-geral do Escotismo Mundial.

Meditando sobre o mundo dos valores

Continuação da pág. 1

momento que passa, *REFLECTIR* superando fanatismos de qualquer espécie. A receita é tão antiga como Sócrates. Hoje como ontem (apenas os dogmas mudaram) dever-se-á pensar descomprometidamente. Contra-atacar, face à onda desumanista, será, por exemplo, chamar a atenção para a *contradição lógica interna* em que caem os profissionais da destruição de valores.

Negam, na prática quotidiana, aquilo a que se atêm desesperadamente. Pois não restabelecem eles, inevitavelmente, o *valor* (em triste substituição das entidades metafísicas tradicionais) dogmatizando de novo? As modernas essências e os modernos deuses chamam-se *dialéctica, estrutura, electrão, contexto económico.* O valor é pré-fabricado num universo de *robots.* Mas, em liberdade e opção pessoal, cada um de nós rejeita naturalmente tal perspectiva. Bastará, para tanto, de forma LÓGICA, integrar-se o eu *no acto de se conhecer a si mesmo.* Assim defenderá o humanismo pleno o seu estatuto.

Segunda resposta:

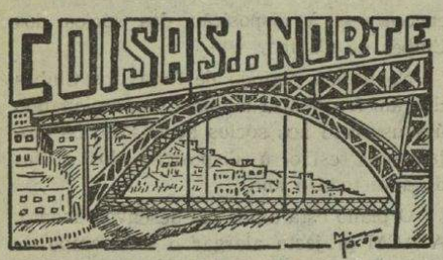
O real, para a exigência de quem se assume como espírito, é aquilo que o homem entende como tal, *valorizando* e *significando.* Neste acto (de atribuição de sentido e significado) *argumentamos por nós próprios* contra a ideia-mito, hoje em voga, da *dependência da matéria.* Respondemos à perspectiva materialista revoltando-nos *existencialmente* contra ela e contra a dogmatização intolerante que não nos deixa espaço para pensamento livre. E tudo porque esta recusa — chame-se-lhe recusa irracional, porque não? — assenta na ânsia profunda de encontrar um sentido para a vida. Já vimos, de resto, como o próprio anti-humanista procede de modo análogo.

Terceira resposta:

Finalmente a nossa oposição baseia-se nos actos vitais de *crer* e *amar.* A aposta que fazemos é num infinito que nos supera. Ao termos a consciência da nossa limitação, apontamos a ilimitação, o mais além. Fernando Pessoa falava em Deus chamando-lhe a «grande ogiva ao fim de tudo».

O homem completo está: SEMPRE PRONTO para *REFLECTIR,* para se REVOLTAR contra o dogma que sufoca, para VALORIZAR, para AMAR e CRER.

DAVID FREIRE



FESTA ESCOTISTA NA PÓVOA DE VARZIM

Nos dias 12 e 13 de Novembro findo, o Grupo 26, da Póvoa de Varzim esteve em festa para inaugurar uma patrulha de marítimos, que escolheu para seu patrono o *Cego de Maio*, figura poveira bastante conhecida, graças às proezas realizadas no mar, pelo seu arrojo em salvar náufragos e por ter sempre vontade de socorrer e de valer às necessidades dos outros e só depois pensar em si próprio.

No acampamento realizado, estiveram presentes os grupos 4, 17, 26, 49, 53 e 91, no conjunto com mais de duas centenas de escoteiros, além de três agrupamentos do CNE e de uma companhia das Guias de Portugal.

O grupo em festa ofereceu, no sábado, aos escoteiros, guias, familiares e amigos que estavam presentes, um jantar regional, constituído por sardinhas assadas, broa, caldo verde e vinho verde, seguindo-se alegre fogo de conselho e a projecção de um filme.

No domingo, a alvorada foi seguida de frugal pequeno-almoço, também oferecido pelo grupo em festa, e, cerca das 10 horas, missa campal, durante a qual foi benzido o guião da nova patrulha e vários aspirantes prestaram o compromisso de honra. Os chefes regional e do grupo tiveram ensejo de se dirigir aos escoteiros, através de uma alocução em que foram focados os dez artigos da Lei do Escoteiro e os três artigos do compromisso de honra.

Pelas 11 horas, houve desfile dos efectivos presentes, durante o qual foram depostos ramos de flores nos monumentos do *Cego de Maio*, patrono da nova patrulha, e de Elísio Nova, patrono do Grupo 26 e padrão do CNE.

Na parte da tarde, no salão de festas dos Bombeiros Voluntários da Póvoa, efectuou-se uma festa escotista, com variedades, ilusionismo e palhaços que alegraram todos os presentes.

Além do chefe regional, estiveram presentes outras entidades escotistas e oficiais.

CONFRATERNIZAÇÃO DO GRUPO 4

Como em anos anteriores, o Grupo 4 da AEP realizou um magusto para os seus escoteiros, familiares e amigos, o qual se realizou em 27 de Novembro p. p., tendo tido por palco, em virtude do mau tempo, a sua própria sede. A reunião foi muito alegre e constituiu em jogos e canções que deram muito boa disposição aos presentes.

A chefia do grupo aproveitou a oportunidade para receber o compromisso de honra de quatro novos escoteiros, dois caminheiros e dois lobitos, que foram apadrinhados pelos próprios pais.

No final, foram servidas castanhas assadas e cozidas. Os maiores, acompanharam este petisco com vinho e, os mais pequenos, com sumos de fruta.

D. Figueiredo



O Grande Prémio da «Portugale 77» foi atribuído a um coleccionador suíço, pela sua colecção do tema «Escotismo Mundial»

Na cidade do Porto, realizou-se durante o passado mês de Novembro a II Exposição Mundial de Filatelia Temática .

Este importante certame filatélico concedeu o seu Grande Prémio a Walter Grob, que apresentou uma magnífica colecção sob o tema «Escotismo Mundial», em que o nosso movimento é historiado desde as suas remotas origens em Mafeking e a sua fundação em 1907 até ao célebre Jambori da Paz, que se realizou em 1947, em Moisson, nos arredores de Paris, grande acampamento com que a mocidade escotista de todo o mundo celebrou o restabelecimento da paz, após a grande conflagração mundial.

Os escoteiros do agrupamento 449 do CNE visitaram a exposição, tendo apreciado os painéis em que Walter Grob expunha a sua valiosa colecção.

«Carimbos comemorativos de eventos escotistas»

Acaba de sair mais uma edição actualizada desta publicação, elaborada pelo Organizador Nacional do Jambori no Ar, o nosso companheiro Justino Estêvão da Silva, publicação que oferece muito interesse aos coleccionadores de carimbos comemorativos de acontecimentos escotistas.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

«SEMPRE PRONTO»

e o Jambori no Ar

A Organização Nacional do Jambori no Ar distinguiu este jornal com a concessão dos Diplomas de Agradecimento pela colaboração oferecida por **Sempre Pronto** na divulgação dos XVIII e XIX Jamboris no Ar.

Agradecemos desvanecidos a distinção que nos foi conferida.

A água, meio de vida essencial

Continuação da pág. 3

Os detritos radioactivos

Porém, não ficam por aqui os perigos a que estão expostas as águas dos oceanos. Além da ameaça que constituem as experiências nucleares que alguns países estão levando a cabo em zonas marinhas, outro perigo começa agora a desenhar-se, o qual preocupa profundamente os estudiosos e os especialistas. Referimo-nos à prática que se está seguindo de lançar nas profundezas oceânicas as escórias provenientes das centrais nucleares.

É certo que são tomadas grandes precauções para que se evite a contaminação das águas e da vida submarina. Esses detritos têm, por isso, sido encerrados em embalagens especiais, preparadas para resistir à corrosão que as águas oceânicas originam. O problema nasce com a dúvida quanto à capacidade de resistência dessas embalagens à acção dos sais marinhos e ao calor desenvolvido pelas escórias radioactivas. Só o futuro provará se as preocupações geradas pelo lançamento às águas desses resíduos têm razão de ser ou são apenas infundadas presunções de espíritos hipersensíveis.

Uma coisa é certa: os oceanos já acusam um certo grau de radioactividade, cujas consequências não devem ser minimizadas. Crê-se que essa radioactividade seja proveniente de partículas existentes na atmosfera, originárias de explosões nucleares, arrastadas para os mares por motivo da queda das chuvas. Também não se deve esquecer que são várias as centenas de navios, de guerra especialmente, que cruzam os mares e que são propulsionados pela energia nuclear.

Conclui-se desta forma que têm várias origens os perigos que pendem sobre a integridade do ambiente marinho, E quando se diz que ameaçam o ambiente marinho equivale a dizer que a vida humana corre sérios perigos também, dada a enorme extensão que a superfície marinha ocupa no globo terrestre e a dependência em que o homem está dos recursos oceânicos, em especial agora que ele começa a considerar a eventualidade de lançar mão, em muito maior escala, dos meios que os oceanos podem oferecer para o ajudar na luta contra a carência de alimentos que se acentua de ano para ano, resultante da explosiva elevação do índice demográfico que tem caracterizado este século.

J. R.

Quando estudares um assunto, concentra-te apenas nos factos e nunca te deixes influenciar pelo que desejarias que fosse ou pelo que pensas que é.

BERTRAND RUSSELL

CLUBES DE CAMPO ACM

Um empreendimento de vasto alcance social

Entre as tão diversificadas actividades promovidas pela Aliança Nacional das ACMs destaca-se, pelo seu largo alcance social e pela amplitude dos meios postos em acção, o notável empreendimento dos Clubes de Campo. Trata-se de uma iniciativa de fundo cooperativo, em que cada sócio (família) entra com uma quota realizada em três anos, que lhe confere imediato direito ao usufruto de férias com carácter vitalício.

O primeiro Clube de Campo foi instalado na Foz de Arouce, a oito quilómetros da Lousã, junto às aprazíveis margens do Rio Ceira.

Este campo está hoje ao serviço do apoio a desalojados das ex-colónias, obra a que a ACM se devotou, mas em breve estará novamente ao serviço dos Clubes de Campo, satisfazendo o desejo insistentemente manifestado por muitos daqueles que ali gozaram as suas férias nos primeiros anos da iniciativa.

No Algarve, perto de Albufeira, foi a ACM instalar o seu segundo Clube de Campo, em modelares apartamentos da Urbanização da Quinta da Balaia. Além dos 56 apartamentos, que estão já em funcionamento, no próximo ano serão postos em serviço mais 26. Toda a Urbanização é de muito agradável concepção, permitindo que os utentes estejam perto da praia, mas se sintam na quinta rodeados por verdejante vegetação, quase se não apercebendo da população turística residente.

Este Clube dispõe de piscina, campo de jogos, restaurante, devendo em breve ser ali construído um centro de convívio. Trata-se de um magnífico centro de férias, que tem merecido as melhores referências de todos os utentes.

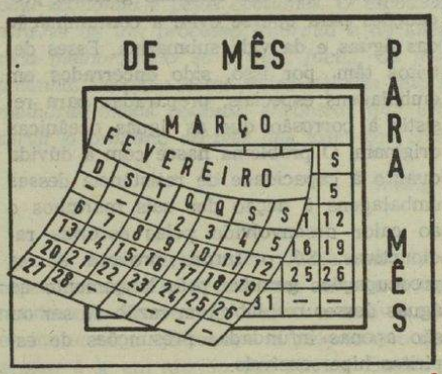
Em Castelo de Vide, formosa vila termal alentejana, que mereceu a designação de Sintra do Alentejo, está instalado outro Clube de Campo. A ACM possui ali duas estalagens — a Albergaria Jardim e a Estalagem de São Paulo. Esta última está ao serviço dos Desalojados, mas a primeira encontra-se à disposição dos sócios dos Clubes de Campo.

No último período de férias, os Clubes tiveram frequência intensa, proporcionando útil usufruto aos sócios acemistas. Os alojamentos estão à disposição dos sócios durante todo o ano.

O plano está ainda em desenvolvimento. A ACM projecta alargar o seu campo de acção a outras zonas. Outros empreendimentos estarão a ser promovidos, esperando-se que no próximo ano novas realizações entrarão em funcionamento.

A iniciativa é de tal forma aliciante que a amortização da quota realizada em prestações mensais de mil e cem escudos, quase não excede aquilo que se teria de pagar pelas férias de uma semana numa zona de veraneio.

Mas a finalidade principal da obra da ACM é promover convívio entre os sócios, alargando laços de amizade e compreensão entre os homens. Os Clubes de Campo são forma prática de atingir esse objectivo. Através desta organização, os seus membros integram-se no Movimento Acemista que abrange 80 nações e 20 milhões de associados.



O Escoteiro é útil



Num bairro periférico de Lisboa, onde os grupos de escoteiros da AEP falharam por inoperância dos seus dirigentes, surgiu agora uma unidade do CNE. Foi uma grande alegria ver outra vez nas ruas do bairro rapazes ostentando com prazer o uniforme escoteiro.

Mas a vida é feita de contrastes. Dias depois, fomos abordados por dois jovens que exibiam no peito uma insígnia associativa de papel e que nos pediram, em lamúria de mendigo, «alguma coisa para ajudar o seu grupo de escoteiros».

Claro que os rapazes, novos nas fileiras, não sabiam ainda que o Escotismo é uma actividade para ajudar os outros e não para mendigar ajudas. Na esperança de que fossem levar as nossas palavras aos seus chefes, pareceu-nos conveniente fazer-lhes sentir que os escoteiros não fazem peditórios e que isso lhes é proibido pelos regulamentos da sua associação.

Não voltámos a encontrar os «pedintes» e ficámos na esperança do êxito da nossa reprimenda. Oxalá, conseguíssemos também fazer sentir a todos os Escoteiros que a sua missão é servir, ajudar o semelhante, promover desenvolvimento. O Escotismo existe para ser útil.

O escotismo e o guidismo em Cabo Verde

Em notícia há tempos publicada no **Jornal do Barreiro**, lemos que o escotismo e o guidismo foram organizados na nossa antiga colónia de Cabo Verde, hoje país independente e que mantém com Portugal, as melhores relações.

Pois, segundo a referida notícia, na continuação dos trabalhos que ali levou a cabo, em devido tempo, o Corpo Nacional de Escutas, foram criadas a União dos Escoteiros de Cabo Verde e a Associação das Guias de Cabo Verde.

A estes dois novos órgãos escotistas desejamos muitos êxitos na sua missão educativa.

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal

(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

EQUIPA DE REDACÇÃO:
A. C. Lapa Conde
Ernesto Clímaco do Nascimento

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO:
Capitolino Ferreira Macedo
Luís Garcia

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 75$00